

Jardim da Villa Adriano

Marly de Oliveira

O não-meu jardim tinha camélias,
flores de todas as cores, crisântemos,
dálías, muros cobertos de hera.
Não era em Brugge, contudo.
O jardineiro matinal
varria as folhas que o vento
espalhava pelo chão
sob árvores muito antigas,
pequenos lagos/espelhos,
que devolviam a amplidão
do céu, da terra, estendidos
à volta de uma mansão
doada há muito ao Brasil.
À entrada, escadas brancas
que ao ocre da casa davam
um ostensivo esplendor.
Villa Adriano: nenhum fausto,
alguns rebocos, cristal, calor
de paisagens que as janelas
em quadros de alto valor
transformavam, circundando-as,
impedindo que invadissem
as salas, os corredores,
os quartos, de todo lado.
Muito perto, o mar, o rio,
os barcos: não ir à Foz
assistir ao espectáculo
de um pôr de sol ou calado
mover-se de pescadores
era perder o mais simples,
mais rico, o mais tranquilo
embriagar-se sem vinho
numa terra de vinhedos
e parreirais.

